



EDUARDO PRADO COELHO

O FIO DO HORIZONTE

## *Os rostos d teatro*

**N**o número de 16 de Julho do “DNA” havia uma interessante reportagem sobre o Festival de Teatro de Almada assinada por José Mário Silva. Abre com estas palavras: “Foi precisamente há 20 anos que começou a aventura, em Julho de 1984, num beco da Margem Sul. Nascia com poucos meios — e muita carolice — o Festival de Teatro de Almada. Depois foi o que se sabe: o crescimento fulgurante, a internacionalização, as parcerias com as grandes companhias nacionais, a qualidade reconhecida aquém e além fronteiras. Hoje, apesar das dificuldades orçamentais que ameaçam o seu futuro, este é sem dúvida um dos maiores acontecimentos da cultura que se faz em Portugal,

Ao estabelecer parcerias com outras instituições de Lisboa, o Festival de Almada alarga os seus públicos

havendo mesmo quem o coloque entre os três maiores encontros do teatro europeu (a par de Avinhão e Edimburgo).”

Este festival tem um rosto, o de Joaquim Benite, mas diversos rostos menos conhecidos, que a reportagem do “DNA” apresenta: José Carlos Nascimento, Vítor Gonçalves, Miguel Martins, Rodrigo Francisco. É Vítor Gonçalves, director-adjunto, quem nos explica: “Só conseguimos trazer cá figuras como Roger Planchon, o Lluís Pasqual, a Nuriat Espert ou os Joglars, porque temos parcerias com instituições de Lisboa, como o CCB, o Teatro da Trindade, o São Luiz ou a Cornucópia. (...) O problema é que as parcerias não chegam para sustentar um Festival desta dimensão e gabarito. Quando dizemos que o nosso orçamento ronda os 480 mil euros,

os jornalistas estrangeiros pensam que estamos a brincar. Os maiores festivais espanhóis, que apresentam metade dos espectáculos, dispõem do dobro desta verba. Isto para não falar de Avinhão, cujo orçamento chega a 15 milhões de euros.”

Ao estabelecer parcerias com outras instituições de Lisboa, o Festival de Almada alarga os seus públicos. Quando a peça de Thomas Bernhard sobre Kant, encenada por Roger Planchon, vai ao Centro Cultural de Belém (CCB), é o público do CCB que aparece, isto é, a zona mais sofisticada do público teatral português.

É isso que torna mais interessante a fotografia de Jorge Nogueira que abre a reportagem do “DNA”: um panorama das pessoas na plateia antes de começar o espectáculo, quando algumas pessoas procuravam ainda o seu lugar. E aqui são outros os rostos do teatro reunidos nas instalações da Escola António da Costa. Não são especialistas, não são personagens mundanas, não devem ser mais do que frequentadores há vários anos do Festival do Teatro. A única pessoa que julgo reconhecer, já quase a sair da imagem, no canto inferior direito, é o crítico Carlos Porto. O resto são pessoas de rosto fatigado, que, no fim de um dia de trabalho (ou depois de uma semana de trabalho), tentam encontrar uma outra dimensão para as suas vidas: uma mulher idosa de braços cruzados, um homem de gravata, como se fosse uma figura de uma novela do princípio do século, uma rapariga que sorri para a fotografia, um casal em que ele a envolve com os braços, todos esperam o espectáculo, sem mesmo se darem conta de que o espectáculo essencial são eles: gente que espera que um toque de magia traga outra energia às vidas que vivem. PROFESSOR

UNIVERSITÁRIO